

VERDADE

ORGAM DE PROPAGANDA ANTI-JESUITICA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

TIRAGEM 2000 EXEMPLARES

ANNO I

Florianopolis, 12 de Maio de 1903

N. 10

Aos homens honrados

Toda a população tem sciencia do artigo editorial do orgam official «O Dia» de 2 de Maio corrente, no qual fui vilmente injuriado.

Por outro lado todos sabem que a lucta se travava entre as redacções da «Verdade» e do orgam official «O Dia».

Rompendo as normas da boa conducta, o orgam official «O Dia» procurou lançar meu nome á ignominia, esperando da minha parte um acto de violencia, afim de preso em flagrante, ser instaurado o competente processo e ser obrigado a escolher entre a minha renuncia e a morte de minha esposa, em vista da situação especial em que se encontra.

Se o plano falhasse por este lado, esperavam um acto de civismo, resignando o meu direito, e offerecer-me para seguir para o Acre, demonstrando assim não ser um covarde.

O plano era realmente grandioso, plano essencialmente «jesuitico», mas percebi que tratava-se apenas da minha retirada, afim de ser levada avante a sua politica, toda contraria aos interesses da Republica; e por isso preferi sorver o calix da amargura, afim de não ser sacrificada a campanha em que me acho envolvido, que só visa a dignificação da Patria Brasileira.

Por outro lado o orgam official «O Dia», esperava um acto de violencia da minha parte, afim de fazendo-o chegar ao conhecimento do executivo federal, ser cassada a minha disponibilidade, por motivo de ordem publica.

Cumpria-me porem, mostrar que nunca fui, não sou nem serei um arruaceiro, ou um ebrio, e sim um homem que presa a sua reputação, e que desagrava-se pelos meios legais, e não pelo vergalho ou pelo punhal manejados por capangas.

Dadas estas explicações, farei o historico desta questão.

No dia 2 de Maio, o orgam official «O Dia» lançou contra minha pessoa, um artigo editorial, injurioso da primeira á ultima palavra.

Em muitos rostos eu vi estampado o riso boçal, tal a satisfação de que se achavam possuidos, julgando que eu ficaria deshonrado no conceito dos homens, para quem Honra, Brio e Pundonor não são simples palavras.

Esqueciam-se porém do ditado: «Rirá bem quem rir por ultimo».

Por outro lado, vi o vacuo se fazer em redor a mim; os «prudentes» se esquivavam.

O riso porem já não existe nos rostos dos mentecaptos e os «prudentes» já não fogem.

E porque ?

Porque esmaguei a vibora, chamando a responsabilidade (por esforço unicamente meu) o orgam official «O Dia»; para em audiencia publica exhibir o autographo do citado artigo e caso não o fizesse correr o processo contra seu editor.

Antonio Pereira da Silva Oliveira, editor do referido jornal, Presidente do Congresso do Estado e Superintendente Municipal, não compareceu á audiencia do Sr. Dr. Juiz de Direito.

O «Correio da Tarde», por outro lado, havia anunciado a audiencia, e como espectadores só vi, meu Pai e meus irmãos Carlos e Eugenio; está bem visto que não pedi e muito menos necessitava nem necessito do concurso de quem quer que seja, para desagrar minha honra.

Não tendo comparecido o editor, o processo teria que correr contra elle, mas sendo Presidente do Congresso, não podia ser processado sem a respectiva licença, e mesmo que o Congresso a desse, o editor Antonio Pereira da Silva Oliveira, sabia que o processo era nullo, por ser nullo o termo de responsabilidade que assignara.

Ao sahir da audiencia, passei para o Rio o seguinte telegramma: — *Jornal Commercio, País, Gazeta Noticias, Tribuna, Noticia, Correio Manhã, Jornal Brazil.*—Chamei responsabilidade orgam official, *O Dia*, crime injurias. Editor Antonio Pereira da Silva Oliveira Presidente Congresso Estado não compareceu. Termo responsabilidade nullo. Peço publicar.—*Pedro Maria Trompowsky Taulois.*

Dando sciencia a imprensa do Rio, patenteava aos meus camaradas do Exercito, a cobardia dos que me injuriaram, acobertados pelas emunidades parlamentares, e por saberem nullo o termo de responsabilidade.

Para que não se diga que avanço uma proposição falsa, transcrevo a publica forma do requerimento e termo de responsabilidade do «O Dia».

Tabellião Caldeira,

Publica forma de um documento como

abaixo se declara. Ao Cidadão Superintendente Municipal de Florianopolis. Pedro Maria Trompowsky Taulois pede, a bem do seu direito, que lhe mandeis passar por certidão o termo de responsabilidade assumida pelo editor do jornal «O Dia», e caso tenha sido transferida, quem assumia até 2 de Maio do corrente anno. Nestes termos. Espera despacho. Florianopolis, 5 de Maio de 1903.—*Pedro Maria Trompowsky Taulois.* Estavam collocadas duas estampilhas estadoaes, devidamente inutilizadas. Passe o que constar. 5—5—903. Pereira Oliveira. Em obediencia ao despacho exarado na presente petição tenho a certificar que dando busca no archivo desta secretaria, encontrei no livro de termos de responsabilidade jornalisticas, o termo do theor seguinte: Termo de declaração que faz o Cidadão Flavio Baptista Dutra, de conformidade com a lei, como abaixo se declara. Aos trinta e um dias do mez de Dezembro do anno de mil novecentos (1900) na Secretaria da Superintendencia Municipal de Florianopolis, Capital do Estado de Santa Catharina, onde se achava o Superintendente, commigo secretario adiante nomeado, compareceu o Cidadão Flavio Baptista Dutra e pediu que se lhe tomasse por termo a seguinte declaração: Que era Cidadão Brasileiro, natural e residente n'este Estado, com 21 annos de idade, casado, empregado publico, que tendo de dar a publicidade o jornal «O Dia» tomava a si toda a responsabilidade das publicações n'elle feitas na qualidade de editor responsavel; cujo periodico é diario e impresso na Rua Trajano numero quatorze. Outro sim declara mais que o referido jornal é de propriedade do Cidadão Coronel Antonio Pereira da Silva Oliveira, negociante estabelecido n'esta praça. E para constar mandou o Cidadão Superintendente que se lavrasse o presente termo de conformidade com o artigo tresentos e trez do codigo criminal, e o que vai assignado pelo Superintendente e o declarante. Eu Augusto Nunes Pires o subscrevo. Em tempo o Cidadão Antonio Pereira da Silva Oliveira proprietario do jornal «O Dia», veiu n'esta Superintendencia comunicar que retirava o Cidadão Flavio Baptista Dutra de editor responsavel, conforme constava deste termo, assumindo o mesmo Sr. Coronel Antonio Pereira da Silva Oliveira, toda a responsabilidade que cabe aquelle. E eu Augusto Nunes Pires o subscrevo. Nada mais constava que lhe fosse relativo, pelo que faço e assigno a presente certi-

dão. Florianopolis, em cinco de Maio de mil novecentos e tres.—Jeronymo Medeiros da Rocha. Estavão collocadas seis estampilhas estadoaes do valor de novecentos réis, devidamente inutilizadas. Declaro em tempo que o presente termo achase assignado pelo Cidadão Antonio Pereira da Silva Oliveira. Florianopolis, 5 de Maio de 1903.—Jeronymo Medeiros da Rocha, secretario. Nada mais nem menos se continha em o dito documento que me foi apresentado para ser reproduzido por copia legal e authentica, tendo do mesmo feito extrahir a presente publica forma, que depois conferi com o original por achal-o em tudo conforme e subscrevo e assigno em publico e razo, entregando ao portador com aquelle dito original n'esta cidade de Florianopolis Capital do Estado de Santa Catharina, em cinco de Maio de mil novecentos e tres. Em tempo declaro que no documento retro estava o seguinte: Custas, Buscar 5\$000, certidão 2 p^{as}. 2\$ as duas a 1\$000, 2\$000 Rs. 9\$000. Florianopolis, 5 de Maio de 1903. Eu Fernando Gomes Caldeira de Andrade, Tabelião a subscrevo e assigno em publico e razo.

Em fé da Verdade. Fernando Gomes Caldeira de Andrade, sobre 3 estampilhas federaes existe. Florianopolis, 5 de Maio de 1902. Fernando G. C. de Andrade. Este documento pagou 4\$500.

Diseutamos.

Diz a certidão que o Sr. Flavio Baptista Dutra e em presença do Superintendente pediu que se lavrasse o termo (veja-se certidão) e o qual vai assignado pelo Superintendente e declarante.

Pergunto, onde estão as assignaturas do Superintendente e declarante?

Taes assignaturas não existem, logo este termo é juridicamente nullo.

Em seguida ao mesmo termo consta que o Coronel Antonio Pereira da Silva e Oliveira, retirou de F. Dutra a responsabilidade, chamando-a a si; mas tal declaração deveria preencher os requisitos legais, tornando-se necessario a assignatura do superintendente.

Onde existe esta assignatura?

A vista deste documento, a responsabilidade do jornal official é nulla, por lhe faltar o requisito legal; logo o mesmo jornal não cumpriu o que preceitua o § 12 do artigo 72 da Constituição da Republica, deixando portanto de ser um jornal para ser classificado como «Pasquim», desde 31 de Dezembro até o dia 4 de Maio do corrente.

A Republica tem funcionarios que tem o dever de zelar pela execução de suas leis, e a quem de direito, eu pergunto se as providencias foram tomadas ou se serão, afim de obstar taes abusos.

Por outro lado o artigo 383 do Codigo Penal impõe a multa de 100\$ a 200\$000 para a officina de impressão que tiver sido transferida, sem o poder competente ter sciencia.

Pela certidão verifica-se que o jornal official ainda funciona na Rua Trajano numero 14; e no entanto o jornal declara ser na Rua Nunes Machado numero 1.

Não existe declaração n'este sentido, porque se assim fosse, deveria estar incluída na certidão; logo o editor do jornal «O Dia» não cumpriu o que se contem no citado artigo 383 do Codigo Penal.

Devido a minha ignorancia, em tres assumptos, pergunto se ha alguma auctoridade a quem caiba evitar taes abusos e no caso affirmativo se a lei foi cumprida e se a multa foi imposta.

O editor d'«O Dia» não pode alegar ignorancia das leis; porque está no goso dos seus direitos civis e politicos, tanto assim que é Presidente do Congresso do Estado e Superintendente Municipal.

A vista destas razões, assiste-me o direito de chamar, o orgam official «O Dia», de «Pasquim»; porque a responsabilidade assumida por quem se acoberta com as emunidades parlamentares, é o meio de evitar que a lei seja cumprida, transformando-se em jornal irresponsavel e logicamente em «Pasquim»!!!!

Ao «Pasquim» (!!!!) e ao «Pasquineiro» o meu desprezo.

Aos homens de honra entrego o julgamento da minha causa.

Florianopolis, 12 de Maio de 1903.

Pedro Maria Trompowsky Taulois

Expulsão de frades!

Do nosso collega «Jornal do Commercio» extrahimos o seguinte:

Pariz, 30 de Abril.—A expulsão dos frades cartuxos foi realisada, «manu militari», hontem pela manhã, em presença de mais de mil e quinhentas pessoas.

Antes de procederem a evacuação do Mosteiro, tomaram as auctoridades as medidas necessarias para chegar ao Convento da Cartuxa, em segurança. Assim desde as 3 horas da manhã, as tropas guardeceram em fila dupla todas as estradas que conduzem ao Mosteiro. Ao nascer do sol, os officiaes de Justiça depararão de frente da porta do convento com um grupo de duzentas pessoas que repetidas vezes, recusaram obedecer ás intimações que lhes dirigirão os officiaes da gendarmeria, para que se retirassem e não oppozessem obstaculos á acção das auctoridades. Como persistisse n'essa attitude o alludido grupo, duas companhias de infantaria envolveram os recalcitantes afim de fazer evacuar o local. A multidão oppöz-se. Intervenem os gendarmes auxiliando as forças do Exercito, mas 1 e outro 1 são recebidos a pauladas, pelos populares, que ensarilham os seus alpenstocks e os assentam sem descanço á cabeça dos executores da ordem do governo.

Os gritos de «Abaixo Combes!» «Morra o governo», ouvem-se a cada passo no decorrer da lucta. Neste momento são retirados feridos varios atacantes. Um capitão é levado a braços com um grande ferimento na cabeça; um soldado recebe em pleno peito um murro dado com luva de ferro, e cahe no chão desfalecido.

Este pequeno desfalque das forças do

governo encoraja ainda mais a resistencia dos defensores do convento e perebe-se então que os camponezes redobram de vigor incitando-se uns aos outros com gritos de «Vivão os Cartuxos»!

Mas o grupo dentro em pouco recua porque o commandante das forças resolve a agir com mais severidade e, minutos passados, é já, sem que se opponha estorvo que o procurador da Republica se adianta para a monumental porta do convento no alto do qual os sinos lugubrememente bimbálham.

Soão nas portaladas as tres pancadas do estylo, mas sem resultado;—os frades recusão abrir. Um pelotão do corpo de sapadores recebe ordem de arrombar a porta. Os soldados trabalham com vigor e parece não desanimar-os a ideia que mais 6 portas, antes de se chegar á capella, onde os cartuxos estão refugiados em oração ao seu Deus, terão de ser demolidas. Finalmente a ultima desequilibra-se nos gonzos, cahe pesadamente no chão; e os magistrados deparão então com o quadro dos 23 cartuxos que ajoelhados, alheios a tudo continuam rezando.

No silencio da nave ecoa a voz do magistrado significando a intimação. Os frades persistem em não abandonar o seu refugio e sem responder continuam a orar.

Os gendarmes cruzam a nave caminham até elles e levemente tocoão-lhes nos hombros. Erguem-se então os religiosos e em fila transpõem o adito da capella entre dupla linha de soldados.

O procurador da Republica procede a interrogatorios summarios e terminados estes, põe em liberdade todos os frades cartuxos mediante o compromisso de partirem, sem mais demora para Pinerolo, na Italia (provincia de Turim). Pouco depois põem-se os frades a caminho e o povo ao ver partir n'uma das carruagens frei Miguel, Superior do Convento, desatrella os cavallos do carro; são os camponezes em massa que arrastam a carruagem do padre pelos campos em que pela ultima vez hontem fixarão seus olhos».

E nós dizemos: Entrada de leão e sahida de sendeiros.

Para que resistirão os frades no principio, cumprindo a ordem depois? Esperavam naturalmente amedontrar o magistrado, recolhendo-se á capella, mas o exemplo de Jesus ainda vive na memoria de todos, e a expulsão dos frades era um acto de justiça, todo vontade de Deus, tanto assim que não obstou tal acto.

O «Vaticano» e consequentemente os «jesuitas» tem se curvado ás bayonetas, mas Deus nunca se curva nem se curvará.

Para a gloriosa França só temos Bravos, e com toda força gritamos: «Viva Combes»!

50:000\$000

A «Verdade» em seu ultimo numero sustentou que o Conselho Municipal não havia approvedo o acto do superintendente, e como jornal que é, e não «pasquim», vai hoje provar com um documento publico.

É possível que a «Verdade» erre, e se dando, nós seremos os primeiros a fazer o erro; mas quando a «Verdade» está, o publico pode crêr, porque teremos documentos para provar.

Transcrevemos a certidão que foi requerida pelo nosso amigo Pedro Taulois, Presidente do Conselho Municipal.

Certifico em cumprimento ao despacho retro, que a indicação e requerimento que falla o petionario, são do teor seguinte:

Indicação. Requeiro que o Conselho Municipal, pelos meios legais, promova a responsabilidade por abuso de poder, ao superintendente municipal Francisco Campos da Fonseca Lobo, por ter adiado a sciencia deste Conselho a entrada da quantia de cincoenta contos de réis..... (50.000\$000) para os cofres municipaes a que era o Cidadão Frederico Bernardo Müller obrigado a fazer pela clausula visissima terceira do contracto celebrado em 12 de Março de 1902, para os serviços de agua, esgotos, iluminação electrica e outros a esta Capital. Conselho Municipal de Florianopolis, 6—4—1903.—D. Melchiades. Requeiro que seja adiada até a presente reunião deste Conselho a discussão da Indicação sobre a responsabilidade do ex-superintendente municipal Francisco Campos da Fonseca Lobo, apresentada pelo Conselheiro Durval Melchiades. S. do Conselho Municipal de Florianopolis, 16 de Abril de 1903.—Cantídio Alves. Approvado.—E. Horn. 16 de Abril de 1903. Era o que se continha na referida indicação e requerimento que aqui fielmente reproduzi. Secretaria do Conselho Municipal de Florianopolis, 24 de Abril de 1903. (Assignado) O Director, João Adolpho Ferreira de Mello, (Este documento tinha 4 estampilhas estadoaes de valor de 600 rs., datado e assignado pelo Sr. Adolpho Mello.)

Faltou á Verdade a «Verdade» ?

—«»—

CONTRASTE

Na minha terra, sou injuriado, no Paraná me tratam como abaixo se vê: Esphynges. Orgam da Aug. e Resp. Proj. «Luz Invizível».

DR. PEDRO MARIA TROMPOWSKY TAULOIS

É dever das almas bem formadas applaudir o talento e galardoar o merito.

Revindicadora dos direitos do Homem, Maçonaria não foge a tão sacrosanto dever.

D'ahi a homenagem que ao Pod. Ir. Dr. Pedro Trompowsky Taulois, rende hoje a Aug. e Resp. «Luz Invizível», sob os AAusp. do Gr. Or. do Brazil.

Na impossibilidade de homenagear a todos que com amor e sacrificio se devotam pela Humanidade, resta-nos a consolação de não esquecer aquelles que mais intimamente nos affectam e de mais perto, é comnosco, terçaram armas, valorosamente, pelo Bem, pela Verdade, pela justiça!

Nascido em o limitrophe Estado de Santa Catharina, a 29 de Julho de 1868,

foi nos ensinamentos do lar austero e pulchro que o Dr. Trompowsky primeiro recebeu os sadios influxos que orientam as almas bem formadas, nas licções e no exemplo do venerando patriarcha que é o orgulho mais bello, mais justo e mais digno de seus filhos, de sua familia. É do lar que parte a directriz do caracter e do civismo.

Foi no lar que o illustre Ir. Dr. Trompowsky aprendeu a prestigiar a Familia a amar a Patria, a ser cellula consciente da Humanidade.

Familia, Patria e Humanidade:—tríade luminosa, fulcro dos corações, formula de heroes, extasi de martyres!

Quando vae tão abatido o caracter e tão exanime o sentimento de dignidade se amesquinha, não é para admirar cause estranheza o surgir alguém que ainda tenha ideias, e, em nome d'elles, e por elles,—cavalleiro de antanho,—entre a romper lanças, com denodo, com bravura, como nos velhos tempos em que a Familia era um lotus, o Patriotismo uma religião, a Humanidade um Deus!

Eis porque sorriem os pusillanimes que não podem luctar e os imbecis que não sabem comprehender,—impotentes que são para levar aos hombros a cruz do sacrificio que traz no topo, em letras rutilas, a legenda sublime:—CUMPRE O TEU DEVER, SUCCEDA O QUE SUCCEDER.

Eis porque, não podendo negar a VERDADE—que é uma—os que vivem da fraude, da superstição e do erro alucinham de «loucos» aos estudiosos que a exaltam, aos sabios que a proclamam, aos martyres que se consomem em rebuscal-a e por ella se morrem, infatigaveis e austeros, impollutos e humillimos,—fóra do reino deste mundo,—nos amplos da SABEDORIA.

Esses martyres são: Hermis, Khrisna, Orpheo, Buddha, e Jesus...

Esses sabios: Pythagoras, Socrates, Van Helmont, Bacon, Poisson...

E, aos que estudam e crêem, que importam o ipitheto de «loucos»,—se a «lucura social e intellectual» do presente ha sido sempre a verdade social e scientifica de AMANHAN ?

A esses «loucos», que os imbecis menoscabam porque os não attingem, e dos quaes se arredam os «prudentes» que se não querem comprometter; a esses denodados «pionniers» da Familia, da Patria e da Humanidade, a Maçonaria acolhe com amor, defende com meiguice, amplexa com carinho,—porque esses «Loucos» são da pleiade generosa de Obreiros que applaudiram Buddha: que primeiro oscularam a tunica inconsutil de Jesus de Nazath e primeiro lhe ouviram as doutrinas e primeiro repetiram aos homens as suas parabolhas; que fizeram a «Renascença» que prestigiarão Luthero, quando proclamou o livre exame; que combateram pelos «Direitos do Homem» e foram os soldados da grande Revolução de 1879; que esposaram em nossa Patria, a ideia libertaria de Tiradentes; que foram os valorosos de Mazzini e Garibaldi e reduzi-

ram a lettra-morta o poder temporal dos Papas, a hegemonia politica do Vaticano!

Engenheiro militar em 1895, antigo entusiasta da abolição e propagandista, quando ainda alumno da Escola Militar, —um dos mais fortes e bellos baluartes do Brazil republicano,—o Dr. Trompowsky não se subtrahio jamais aos deveres de cidadão. Na revolta da esquadra (1893-1894), servio nas fileiras republicanas, ao lado do Marechal Floriano, e se encontrava na columna espedicionaria que pelo Itararé, penetrou no Paraná.

Em 1902 voltou a este Estado, em comissão militar, e, de então, se accentua o profundo e brilhante aura de sympathias que creou em torno de sua insinuante individualidade pelo modo impeccavel, severo e nobre porque se houve sempre—filho amantissimo, esposo meigo, pae adoravel, cidadão austero, Ir. sem jaça.

Membro Benemerito da Aug. «Luz Invizível», dignifica a ordem, a Patria e a Familia.

A «Esphynges o apresenta a estima dos homens de honra e boa vontade, e como exemplo á Infancia que se orienta, á Mocidade que tem ideias,—feliz em render justiça a um Homem que,—atravez da derrocada do caracter,—atravessando vae, com heroismo, a trajetoria da vida.

Corityba, 22 de Março de 1903.

Dario Velloso

Ao meo Mestre o meu reconhecimento, Florianopolis, 12 de Maio de 1903.

Pedro Taulois

—«»—

PROTESTO

Nós, abaixo assignados, alumnos do «Gymnasio Catharinense», vimos por meio deste, protestar contra a reclamação do «Correio da Tarde», de 8 do corrente, sob a epigraphe «Mez de Maria—Com vistas ao Rev. Vigario», em que se diz que alguns dos alumnos do mesmo Gymnasio portam-se inconvenientemente durante os actos religiosos.

Saiba o Sr. Redactor do «Correio da Tarde» que poucos são os alumnos que podem-se portar mal e sequizer falar nos mesmos publique os nomes afim de que o publico possa conhecel-os e não faça referencia a «alumno do Gymnasio» porque entre elles ha quem conheça a educação e possa discutil-a; e quanto aos mesmos nenhuma autoridade pode exercer o vigario.

Florianopolis, 8 de Maio de 1903.

Demosthenes Segui
Demosthenes Veiga
Dante Natividade
Agilberto Muniz Telles
Alfredo Trompowsky
João Conegundes Baixo
Alexandre Meyer
Heitor Blum
Adhemar Taulois de Mello

Carta aberta

Um pustula social que injuria, mas foge a responsabilidade do que escreve, fez algumas referencias á minha carta aberta, e para que não se diga que sou um covarde a transcrevo, assumindo a responsabilidade do que n'ella se contém.

CARTA ABERTA

Aos meus amigos, aos chefes Politicos e aos meus Patricios.

Um dever «a gratidão» me leva ante vós, para significar-vos o meu alto reconhecimento, por terdes vos dignado suffragar o meu humilde nome, na eleição para conselheiro Municipal dessa Capital.

O meu passado, que vem da campanha abolicionista, prolongando-se por toda a brilhante phase da propaganda republicana, e a pratica continua da moral verdadeiramente republicana, me davam o direito de julgar que não me corromperia no desempenho de um cargo representativo.

Vós, os 88 e muitos outros, que me apoiarão, nas minhas aspirações, representais a parte que pensa e decide conscientemente.

A vós o meu alto reconhecimento.

E, se a gratidão se impõe a vós, aos contrarios devo dar os meus parabens, pela sua brilhante victoria; victoria esta que representa a sagração civica das altas virtudes dos conselheiros victoriosos.

E como sempre, por não ser possivel brindar a todos, eu saúdo o brilhante Conselho Municipal, na pessoa do illustradissimo, honradissimo e provector cidadão Nicolau Cantisano.

Elle representa a parte pensante; homologa todas as virtudes, todas as brilhantes concepções, e traçará a directiz a que todos vós conscientemente vos submettereis.

Saúdo portanto o novo Conselho Municipal, na sua mais brilhante figura: o Cidadão Cantisano.

E como não é justo esquecer os «directores politicos», que conseguirão tal brilhante resultado, terei necessidade de a elles me dirigir.

A vós, dignissimos Cidadãos, tão dignos como o meigo Nazareno, porque como elle jamais sacrificareis um principio, por uma preocupação menos digna,—eu vos saúdo.

Mas, por ter necessidade de tratar das vossas pessoas, tenho que rebuscar o vosso passado politico.

A familia Catharinense vivia dividida; e esta divisão era a sua ruina.

Esta divisão não se justificava, visto como jamais os vossos contrarios attentarão contra vossas vidas e propriedades.

Não ha um só facto que prove que o «vergalho» houvesse sido empunhado e com elle vergastadas as vossas faces.

Jamais o vosso «jornal» foi vandalicamente empastelado.

E se fisermos excavações no solo Catharinense, temos a certeza que não encontraremos as ossadas dos nossos patricios e vossos correligionarios, sacrifi-

cados ante o altar da perversidade e do crime politico.

Jamais os vossos «chefes» virão-se na necessidade de viver occultos, quaes bestas feras ou expatriarem-se, levados como mercadorias, para salvar as suas vidas.

Jamais os governos abandonarão a linha recta do cumprimento do dever.

Nenhum destes factos se tendo dado, era natural e justo que se fizesse a união dos partidos, obedecendo ao principio de «perder-se tudo menos a honra».

Saúdo-vos pois em nome desse passado que reputais tão dignificador.

Agora a vós, meus Patricios, pouco vos direi; a vossa consciencia que desenvolva e tire as conclusões.

E' principio universalmente acceito em politica: «cada povo tem o governo que merece».

Para um povo digno, como o Inglez, existe a lei que dignifica; para a aldeia do interior da Africa existe o «vergalho e o cutello».

Que responda a consciencia dos homens que não se vendem, qual dos dous governos merece esse povo.

Como Catharinense e como republicano, lamento hoje a vossa sorte como já lamentei o vosso passado ainda bem proximo.

Curityba, 11 de Dezembro de 1902.

Pedro Maria Trompowsky Taulais

Cidadão Brasileiro.

— « » —

Babylonia

Guerra Junqueiro

Hei de vos arrancar a mascara postica.
Ligar-vos com grilhões ao potro da justiça.
Expor-vos á ignominia! Erguei o rosto erguei-o.
Para que as multidões venham cuspir em cheio
Nessas frentes venaes O' coleras sagradas!
Dae-me versos febris, agudos como espadas.
Dae-me energia, amor, estrellas enthusiasmos.
Dae-me um jorro de luz e um jorro de sarcasmos.
Como listrões de sangue! oh! dae-me tudo isto!
Dae-me a unção de Jesus e o latego de Christo.
Dae-me essa ferrea voz dos lividos prophetas.
Para esmagar. calcar as gerações abjectas
Da Babylonia de hoje.

O' minha lyra, aquillo

Que eu tenho de mais puro e candido e tranqüillo.
Tu, que és a minha amante, a minha esposa calma,
Que és o Sacario azulaoonde eu guardo a alma,
Que palpitas de amor e de paixão transbordada.
O' minha pobre lyra! hei de arrancar-te as cordas
E, unindo-as nesta mão, vibrar-as e torcer-as
Para fazer ó musa! um latego de estrellas.
Nessas almas servís mais duras que os rochedos
Eu quero, charlatães, marcar os cinco dedos
Da mão de Juvenal. Eu quero, desgraçados,
Com versos triumphaes, candentes, inflamados,
Prender uma grilheta a vossa vil memoria
E mander-vos depois para as galés da historia
Onde de nada vale a infamia e o dinheiro:
O carcereiro é de bronze e Deus o carcereiro.

— « » —

TELEGRAMMAS

Assim que tivemos sciencia, pelos telegrammas recebidos pelo nosso illustre collega «Correio da Tarde», abaixo transcritos, que os alumnos do Mosteiro de S. Bento, chefiados pelo Abbade Frei João Mercês resistiam contra a ordem do Capitulo dos Benedictinos mandando dar entrada aos frades estrangeiros encarregamos o Dr. Pedro Taulois de telegraphar ao Dr. Luiz Murat, orador, felicitando a Mocidade Brasileira, daquelle Mosteiro.

O nosso collega cumpriu sua missão passando o seguinte telegramma:

«Dr. Luiz Murat.—Rio.—Nome Redacção «Verdade» peço felicitar alumnos S.

Bento resistencia contra frades estrangeiros. Saudações.—*Pedro Taulois.*»

Eis os telegrammas:

Ris, 5.—A reunião do Capitulo dos Benedictinos, feita pela questão entre elles e o Abbade do Mosteiro de S. Bento, para destituir este da Abbadia, tem produzido attritos de character serio, em vista da resistencia do abbade Frei João Mercês.

Hontem os alumnos do Mosteiro de S. Bento percorreram varias ruas, saudando a imprensa e dando morras aos frades estrangeiros.

Rio, 5.—Abbade Mercês continua resolvido a resistir á entrada para o mosteiro dos frades estrangeiros, que chegaram hoje da Europa a bordo do «Atlantico», tomando a questão character grave.

Mercês intentou recurso para o Supremo Tribunal Federal.

Os Jornaes, quasi todos, manifestam-se favoraveis ao abbade Mercês.

Rio, 6.—O arcebispo, aqui, pedio ao chefe de policia dr. Cardoso de Castro providenciar para á chegada dos Benedictinos estrangeiros estes não serem desacatados e terem entrada no mosteiro de S. Bento.

O Dr. Chefe de Policia conferenciou com o abbade Mercês, que respondeu que os agasalharia de bom grado, mas impedindo-lhes a entrada no Mosteiro.

O Dr. Chefe de Policia esperou no caes os desembarcados do «Atlantico» e os fez conduzir ao palacio do Arcebispo para lhes dar a devida hospitalidade o Dr. Seabra providenciou para não se darem desacatos afim de evitar perturbação da ordem.

Rio, 6.—Os alumnos do mosteiro fazem meetings a favor de Mercês contra os Benedictinos sendo orador o Dr. Luiz Murat. Discurso muito applandido, seguindo grande prestito por varias ruas em direcção ao Mosteiro, dando vivas a Mercês e morras aos Benedictinos estrangeiros Na passagem do prestito pelas redacções d'«O Paiz», «Gazeta de Noticias» e «Jornal do Brazil» todas ellas foram vaiadas.

O povo, em altos brados manifesta-se pela causa do Abbade de S. Bento.

— « » —

«Verdade»

Um grupo de amigos entende que o nosso programma foi sacrificado, e por isso declara não contribuir para a publicação do nosso orgam.

O nosso programma não foi sacrificado, e como já o dissemos, nós não mendigamos recursos. Eu abaixo-assignado em nome da Redacção declaro que os desligo de qualquer compromisso material, e que por nossa conta faremos a publicação da «Verdade», sahindo o numero de vezes que nos fôr possivel.

Florianopolis, 12 de Maio de 1903.

Pedro Maria Trompowsky Taulois